



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura do Encontro Nacional de Novos Prefeitos e Prefeitas

Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 10 de fevereiro de 2009

Pelo que eu estou vendo, vocês estão com pressa de ir embora. Mas vai ter muita coisa para vocês fazerem aqui.

Eu queria cumprimentar o companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,

Queria cumprimentar o Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Queria cumprimentar o companheiro José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,

Queria cumprimentar minha companheira Dilma Rousseff, em nome de quem eu cumprimento todos os ministros aqui presentes,

Queria cumprimentar os companheiros governadores que estão aqui presentes – parece que depois do Arruda só tem o Wagner e o Wellington aqui presentes, da Bahia e do Piauí,

Quero cumprimentar os companheiros deputados federais líderes de partido, líderes de governo,

Quero cumprimentar os companheiros prefeitos e prefeitas que estão aqui – as prefeitas numa minoria muito grande, porque só 9,5% dos prefeitos foram eleitos mulheres agora,

Cumprimentar os prefeitos das capitais – vocês são tão grandes que às vezes são maiores do que alguns estados,

Quero cumprimentar o companheiro Lima Neto, presidente do Banco do Brasil; Luciano Coutinho, presidente do BNDES; Maria Fernanda Ramos



Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal. Esses três vocês precisam tratar com uma certa deferência, porque é daí que vai sair parte da prata que todo mundo precisa neste país.

Quero cumprimentar o companheiro Jair Meneghelli, presidente do Conselho do Sesi,

Quero cumprimentar o Paulo Okamoto, presidente do Sebrae, que precisa fazer muitas parcerias com as prefeituras deste país,

Quero cumprimentar... Eu não sei o nome dele, mas ali tem um prefeito que levantava um papelzinho para mim e falava assim: "Presidente, eu sou o prefeito mais novo do Brasil, 21 anos de idade". Acho que é da cidade de Almas, lá em Tocantins. Parabéns. Vai dar muito trabalho, se com 21 anos já virou prefeito deve ser um "casca de ferida" sem tamanho. Vamos tomar cuidado aí.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Primeiro, presidente Sarney e presidente Temer, um quadro importante, para que a gente tenha... Deixa eu ver uma coisa aqui, companheiros. É que na minha nominata não tem o nome do Paulo Ziulkoski, não tem o nome do João Paulo Lima, e não tem o nome do José do Carmo, os três companheiros que falaram antes de mim. Podem estar certos que nós estaremos na Marcha dos Prefeitos, que vocês convidaram, com a mesma garra e a mesma disposição de discutir a questão do municipalismo neste país.

Mas é um quadro interessante que a imprensa brasileira precisa registrar: 72% dos municípios possuem até 20 mil habitantes, e eles representam apenas 18,22% da população brasileira. Do outro lado, 4,5% dos municípios possuem mais de 100 mil habitantes, representam 53,6% da população. João Renhold, alegria de te ver aqui, meu filho.

Uma outra coisa importante aqui, neste plenário cheio de vibrações das últimas eleições, porque a temperatura não passou, alguns não conseguiram



nem abrir a porta da prefeitura ainda, outros não acharam o computador, outros estão procurando o motor da ambulância. Mas a verdade é que vocês são o resultado da essência da democracia do nosso querido País.

E, por isso, um outro dado importante: nunca antes, na história do Brasil, nunca antes foram reeleitos tantos prefeitos neste país. Quarenta por cento dos prefeitos foram reeleitos, 60% são novos. Dos 60%, 50% foram apoiados pelo prefeito que deixou o poder. Ou seja, significa que, na verdade, são quase que 60% ou 65% de prefeitos reeleitos, ou quase que reeleitos, porque elegeram o seu sucessor.

O que aconteceu nessas eleições, que tanta gente foi reeleita? O que aconteceu, na verdade, é que os prefeitos brasileiros nunca tiveram, na sua cidade, a quantidade de políticas sociais e a quantidade de obras públicas como nós tivemos agora nesses últimos anos, por conta do PAC. Dos 5.500 municípios, pelo menos 5.200 têm alguma obra vinculada entre o governo federal, governo estadual e prefeitos. E vocês sabem quantos prefeitos foram eleitos neste país em outras épocas, e que terminavam o seu mandato sem ter construído uma única obra porque não tinham dinheiro ou porque não estavam credenciados a fazer nenhum convênio com o governo federal ou com o governo estadual. Vocês sabem quantas vezes um simples companheiro de vocês no estado, um governador, só atendia aqueles que eram do seu partido e não atendia aqueles que eram eleitos pela oposição.

Vocês sabem que a vinda de vocês aqui hoje é muito mais do que uma pauta de reivindicação que vocês vão fazer na Marcha dos Prefeitos. A vinda de vocês aqui hoje, um pedido pessoal meu depois de assistir uma exposição do IBGE, depois de ir a Pernambuco em uma reunião com os governadores do Nordeste e constatar o índice de mortalidade infantil no Nordeste e no Norte do País, e constatar o índice de alfabetização no País, mas sobretudo no Norte e no Nordeste.



Eu cheguei a Brasília e disse ao companheiro José Múcio que eu gostaria de fazer uma reunião com os prefeitos, e a idéia era fazer a reunião ainda no ano passado. Mas aí me veio uma dúvida: eu faço antes das eleições? Não posso fazer. Eu faço depois das eleições? Quem eu convido? O prefeito que vai sair ou eu convido o prefeito que vai entrar? Eu não poderia convidar o prefeito que ganhou porque seria um desrespeito ao prefeito que estava em exercício. Então, eu falei: vamos esperar os prefeitos tomarem posse e vamos chamar os nossos companheiros prefeitos para que a gente possa fazer uma boa discussão, para que a gente possa abrir as portas do governo federal, para que a gente possa consolidar uma relação tão forte entre o ente federado prefeito e o ente federado União, que nenhum governo que venha depois de nós tenha coragem de desmontar essa relação sadia e democrática que nós criamos neste país.

Muitas vezes as conquistas democráticas são esquecidas. Por exemplo, os meus filhos não sabem a quantidade de porrada que eu tomei para eles conquistarem um pouco de democracia neste país. Mas não faz muito tempo. Ah, meu querido Paulo, quantas vezes tentaste falar com o presidente da República, e o máximo que ouvias era um cão, cachorro policial latindo, querendo rasgar as tuas calças. Ah, meus companheiros da Frente Nacional de Prefeitos, quanto desrespeito. Vocês foram submetidos a verdadeiros vexames na tentativa apenas de dizer que vocês existiam, que vocês queriam governar, e que vocês tinham a mesma necessidade que tem o governo federal, a mesma necessidade que tem um governador de estado.

Vocês precisam de mais recursos, precisam de uma máquina melhor preparada, precisam de quadros tecnicamente bem formados, porque nós constatamos – e vocês já constataram há muito tempo – que muitas vezes um prefeito toma posse e não tem sequer a chave da Prefeitura para abrir a porta porque o antecessor levou a chave embora. Eu mesmo, lá no Vale do Jequitinhonha, uma vez tive que arrombar a porta de uma prefeitura para que a



prefeita, a nossa queridinha Cacá, pudesse assumir a Prefeitura. A cidadezinha chamava-se Araçuaí, se não me falha a memória, no Vale do Jequitinhonha. Esses dias eu vi pela televisão, também candidatos eleitos tentando entrar, a porta [chave] não estava.

Quando eu propus aqui um projeto de lei regulamentando a transição, é para que a gente torne a relação política mais civilizada e mais responsável entre o eleito e o derrotado, porque afinal de contas, todos devem governar para que a cidade tenha o melhor possível.

Mas eu hoje estou meio frustrado. Aquele dia em que a gente acorda... todo mundo tem, não é privilégio meu. Tem dia que a gente acorda “virado”, se deixar cair um pingo de suor no copo vira limonada.

Eu vi o que alguns jornais falaram dessa reunião e fiquei triste como leitor. Fiquei triste porque estão abusando da minha inteligência. Fiquei triste porque ainda tem gente que pensa que o povo é marionete, é “vaca de presépio”, é comboio. As pessoas não percebem que o povo já consegue pensar com a sua própria cabeça. Acabou o tempo, e se alguém achava que podia interferir em uma eleição porque era formador de opinião pública... porque se fosse assim, muitos de vocês não estariam eleitos, porque os formadores de opinião pública foi o povo da cidade de vocês.

Disseram que este ato aqui é que eu ia fazer o pacote da bondade. Mas um foi mais longe, procurou carta de leitores para publicar na matéria, dizendo como é que o Presidente vai dar dinheiro para prefeito bandido. E eu fiquei pensando em como é fácil julgar as pessoas. Como é fácil condenar as pessoas previamente, sem saber sequer o que as pessoas vão fazer. Não dando sequer uma oportunidade para vocês provarem que não são os ladrões que eles escrevem que vocês são. Não deram nem um dia, vocês nem tomaram conta da máquina. Não é possível que a gente possa se calar diante de tamanha ofensa, diante de tamanha aberração.



Outros foram mais além. Outros disseram que é um ato para promover a dona Dilma Rousseff. São pessoas pequenas. Eu, graças a Deus na minha vida, nunca tive bondade. Nunca tive um favor, nunca fui eleito porque a imprensa brasileira me ajudou. Eu fui eleito porque suei cada gota de suor, cada gota de lágrima desse país, para enfrentar o preconceito, para enfrentar o ódio dos de cima com os de baixo. Eu poderia não estar falando isso aqui, porque o presidente da República precisa ter postura. Eu posso perder a minha postura, mas não perco a minha vergonha e não perco o meu caráter. Não posso perder e não posso permitir insinuações grotescas com uma reunião que tem objetivo de mudar o patamar definitivo das relações entre os entes federados. Antes de me reunir com vocês, eu me reuni com os governadores do Norte e do Nordeste para discutir o mesmo tema que quero discutir com vocês, o mesmo assunto que eu quero discutir. E mais para frente vou me reunir com os governadores do Sul e do Sudeste, que também têm o mesmo problema, mas com menos gravidade do que têm os prefeitos e que têm os municípios das regiões mais empobrecidas desse país.

Pois bem, companheiros e companheiras, vocês vão ficar aqui mais um dia e vão ter possibilidade de debater todas as angústias, as agruras, que envolvem a vida de cada um de vocês. Porque o período mais fantástico da vida de vocês já acabou, é o entre a vitória e a posse. Não tem nada mais gostoso do que esse período entre o dia em que a gente ganha e o dia em que a gente toma posse. A gente tem uma importância extraordinária na nossa cidade. Gente que nem cumprimentava a gente bate nas costas, porque político tem um problema, não é? A gente, sem mandato, nem vento bate nas costas. Então, esse período acabou. Vocês agora vão entrar no período de cumprir aquilo que vocês prometeram durante a campanha eleitoral. Cada um, com a melhor das intenções, elaborou um programa e foi para a rua convencer as pessoas de que aquele programa era o melhor para a sua cidade. Vocês vão descobrir também a diferença entre o programa e a possibilidade de



executar o programa. Vocês vão descobrir que entre a gente pensar em fazer uma obra, elaborar o projeto, conseguir licença, fazer licitação e responder todas as demandas jurídicas, às vezes termina o mandato e a gente não consegue licitar obra ou começar a fazer obra.

O que nós queremos com essa reunião não é criar facilidades. O que nós queremos é criar compromisso. Por que vocês precisam de tantos papéis para fazer um convênio? E ainda nós temos um problema grave no Brasil e é importante o companheiro Michel Temer e o Sarney, presidente do Congresso Nacional, perceberem. Nós temos um problema sério no Brasil: é que nós temos eleições a cada dois anos e faltando seis meses para as eleições a gente não pode mais fazer convênio. É por isso, companheira Dilma, que as obras do PAC tiveram uma certa diminuição no segundo semestre. É porque não se podia mais contratar e não se podia mais fazer convênio.

Nós queremos nesta reunião, que vocês vieram a Brasília, começar a estabelecer uma nova linhagem de comportamento entre nós, para que a gente torne a vida dos prefeitos – não o prefeito da capital, imagina um prefeito de Belo Horizonte, de Salvador, de Curitiba, imagina de Ribeirão Preto, imagina de Aracaju, de Recife, de São Paulo, do Rio de Janeiro, eles não têm problema. Eles ligam para qualquer um na Câmara, são atendidos na hora, ligam para qualquer (incompreensível) são atendidos na hora, ligam para o Presidente da República, não são atendidos na hora, mas são atendidos pelo meu assessor direto. Agora, e o prefeitinho de uma cidade de 5 mil habitantes, lá em Xiririca da Serra, com quem ele conversa? A quem ele pede socorro? Quem é que vai ajudá-lo a fazer um projeto? Quando tem enchente em algumas áreas pobres deste país ou mesmo em uma área rica, como tivemos agora em Santa Catarina, decreta-se calamidade pública e para cumprir todos os papéis, às vezes demora meses, meses e o prefeito não consegue preencher toda a papelada que tem que preencher, mesmo o Presidente da República indo lá e vendo as pessoas embaixo de terra, a burocracia diz: “preencha a papelada.



Se não preencher a papelada, você está ilegal. E se tiver ilegal o Tribunal de Contas vem em cima de você, o Ministério Público vem em cima de você, vem um processo em cima de você e vem a imprensa em cima de você, então cumpra-se a papelada, preencha cada palavra ou cada letra porque...”. É muito difícil você fazer as mudanças em um curto espaço de tempo, é um processo. Eu digo sempre que o governo, vocês tomaram posse na prefeitura agora, vocês são o trem. A máquina da prefeitura é a estação e o trem passa, faz barulho, grita, buzina, a estação está lá, impávido colosso, entra um passageiro, sai outro, vocês vão embora, a estação fica. É assim a máquina pública brasileira. É assim que funcionam as coisas.

E esta reunião tem como objetivo criar as condições para que não seja mais assim daqui por diante. Criar as condições para que um prefeito, no seu gabinete - ou ele diretamente ou a sua secretária - possa através da internet acessar qualquer programa, obter qualquer informações, sem precisar tomar dinheiro emprestado para vir a Brasília ficar batendo de porta em porta e, às vezes, sendo atendido por pessoas de terceiro escalão ou quarto, no ministério que, muitas vezes, também não consegue resolver. Às vezes o dinheiro de que ele precisava é menor do que ele gastou para ficar aqui. Nós queremos evitar que essas coisas continuem acontecendo.

Os companheiros da Frente de Prefeitos sabem que no encontro passado, na Marcha dos Prefeitos, o Paulo Bernardo estava na minha frente quando eu disse ao Paulo Bernardo: é preciso, companheiro Paulo, que o Ministério do Planejamento refaça toda a papelada para que a gente possa diminuir, ao máximo possível, essa interação, sem a qual vocês não irão ter acesso às coisas que precisam ter. Tem prefeito que terminou o mandato agora e, por conta da dívida do INSS, não conseguiu fazer nenhum acordo com o governo federal. E não adianta pedir para a Caixa Econômica fazer. Sabem por quê? Não é má vontade da Maria Fernanda. É que cada servidor público daqueles, se fizer uma coisa considerada ilegal, vai ser acionado judicialmente,



quem tem que pagar advogado é ele mesmo, e os seus bens serão disponibilizados. Então ele preferem exigir os papéis, que é o que dá a ele a garantia de que ele não vai ser admoestado pela Justiça brasileira, pelo Ministério Público ou pelo Tribunal de Contas. Essa é a nossa triste e crua realidade.

Eu não sou mais municipalista do que qualquer outro Presidente da República. A única coisa que eu tenho é que eu sei que apesar de morar num país, de morar num estado, a minha rua é no município, o número da minha casa é no município. E é por isso que eu prezo a responsabilidade do prefeito, porque se o prefeito for bem eu sei que a minha rua vai bem, mas se o prefeito for mal eu sei que a minha e as outras ruas vão mal.

Por isso que é importante a gente valorizar e pactuar. Vocês não imaginam quantas reuniões eu fiz até que a gente criasse o Bolsa Família, tomando como decisão que o cadastramento fosse feito pelas Prefeituras. Na concepção de alguns a única chance de a gente chegar às pessoas, nos lugares mais longínquos do País, era se o prefeito assumisse a responsabilidade de colocar a estrutura da Prefeitura para poder cadastrar as pessoas. Tinha gente que dizia: “Não, precisa cadastrar pelo movimento social”. Nós aprovamos que foi pela Prefeitura e hoje eu acho que tem poucos programas sociais na história do País que tem 11 milhões de pessoas com cartão, que o Presidente não conhece nenhuma, que talvez os prefeitos não conheçam nenhuma, mas que o caixa eletrônico da Caixa Econômica conhece, e é lá que elas tiram o dinheirinho para comprar o leite e o pão de cada dia para as pessoas mais pobres. Isso é graças à interação que estamos fazendo com vocês.

O PAC não teria o sucesso que tem, se a gente não tivesse feito as reuniões entre os governadores e os prefeitos primeiro, para decidir as prioridades. Se nós tivéssemos, apenas aqui de Brasília, inventado as obras e não tivéssemos descido lá embaixo para fazer reuniões com prefeitos e com



governadores, certamente nós não teríamos o sucesso que estamos tendo na implantação das obras do PAC: 87% delas já estão em andamento. E este ano vão ter que andar mais depressa, porque este ano é o ano de uma crise que todos vocês estão acompanhando pela imprensa. É uma crise que nasceu no sistema do coração dos países ricos e que, por irresponsabilidade deles, ela começa a atingir os países periféricos, na medida em que diminuiu o crédito em dólar e muitos países dependiam desse crédito.

Agora é que nós tomamos a decisão: as obras do PAC vão ter que ser intensificadas. Estamos pedindo para cada prefeito que for contratar uma obra que peça para o empresário fazê-la em dois turnos, trabalho de dia e à noite, se for necessário, porque nós precisamos gerar empregos nas cidades, precisamos criar os empregos que as empresas poderão mandar embora. Da parte do governo federal, nós queremos antecipar o máximo possível as obras que já estavam contratadas, e queremos que os empresários tenham a sensibilidade de que nesse momento o que mais importa para nós é gerar postos de trabalho para gerar salário e para gerar renda. Uma estrada pode ser feita em dois turnos, um conjunto habitacional pode ser feito em dois turnos. Se fizer barulho, tiver gente perto, que não faça em dois turnos, trabalhe das 6h às 14h e das 14h às 22h, mas contrate duas turmas. E assim nós vamos poder fazer muito mais em menos tempo e gerar os empregos.

Portanto, estejam certos, nenhuma obra do PAC irá sofrer qualquer diminuição por conta da crise econômica. Nenhuma. Nós cortaremos o batom da dona Dilma e cortaremos o meu corte de unha, mas não cortaremos uma obra do PAC neste país, seja do tamanho que ela for, porque nós achamos que ela é a segurança para o momento que o país está vivendo.

Mas os assuntos que eu queria discutir com vocês, eu acho que vocês ficam tão inquietos quanto eu. São quatro assuntos que me deixam muito inquieto e triste. Entre eles, nós temos a questão do analfabetismo, que é uma vergonha. Nós temos no Brasil, ainda, uma média de 9,9% de pessoas



analfabetas, não são crianças que não entraram na escola ainda – devem ter algumas nos grotões do País – mas são adultos, que é preciso um trabalho mais intenso de convencê-los. Nós não temos como obrigá-los, nós temos apenas que convencê-los.

Mas o que me chamou a atenção é que desses 9,5% de analfabetos que nós temos no Brasil, 19,9% estão no Nordeste brasileiro. Aqui tem um dado errado: apenas 8,8% no Norte, não deve ser esse número. Ou talvez seja 19,8%, mas comeram aqui. Porque os dois lugares que têm maior índice de analfabeto são exatamente o Norte e o Nordeste do País.

Mas não pensem que o Sudeste também... está fora de ordem, ouviu, (incompreensível)? No Sudeste, nós temos 5,7% de analfabetos. Mas, pasmem, caíam de costas, Kassab, porque você não sabia e eu não sabia: no estado de São Paulo nós ainda temos 10% [do total] de analfabetos no Brasil. O estado mais rico da Federação. Significa que nós estamos errando em alguma coisa.

E não adianta o Ministro da Educação criar o programa Alfabetizar. É preciso que a gente pactue com os prefeitos deste país, porque somente vocês é que são capazes de ir no grotão mais distante do centro da cidade e saber se lá tem ou não uma família com analfabetos, um senhor analfabeto, e tentar convencê-lo a voltar para a escola, como forma de ele ganhar a cidadania.

E esse tem que ser um pacto que nós precisamos construir, discutir o que custa isso, como fazer, mas é um compromisso que não é do Presidente da República, não é de um vereador ou de um prefeito, é de todos nós a responsabilidade de acordar um dia com a convicção de que no nosso País não tem mais analfabetos.

Pasmem uma outra coisa, meus companheiros prefeitos das capitais, que vocês vivem com menos angústia do que outros prefeitos: sub-registro civil de crianças até um ano sem registro. De todas as crianças que não têm registro no Brasil, 21% é no Nordeste, 28% [18%] no Norte, 7% no Nordeste



[de] Minas Gerais, 15% dos municípios de Minas que se igualam ao Nordeste brasileiro, até porque Minas Gerais tem uma parte que faz parte do Polígono da Seca, portanto é uma parte muito ligada ao Nordeste. Eu confesso a vocês que quando recebi a informação de que nós ainda tínhamos tanta gente assim, sem registro, neste país, eu custei a acreditar.

Eu lembro que quando nasci, em Caetés, em Pernambuco, eu morava acho que a 3 ou 6 léguas de Caetés para Garanhuns, e eu tenho duas datas de nascimento, porque eu nasci num dia e meu pai me registrou alguns meses depois, em outra data, porque naquele tempo tinha o batistério, não era o registro civil ainda, a primeira fase era batistério. Aqui deve ter muito nordestino com batistério.

Pois bem, ainda temos 400 municípios no Brasil que não têm cartório. E nós precisamos encontrar um jeito de garantir que a partir da hora em que a gente estabelecer esse pacto, em nenhum lugar do território nacional uma criança vai nascer e não ter o seu registro algumas horas depois de ela nascida, porque é uma vergonha. É uma vergonha que a maternidade não faça isso, é uma vergonha que só o cartório possa fazer, mas o cartório não está dentro da maternidade. Como é que a gente vai resolver um problema desses? A nossa Secretaria de Direitos Humanos vai fazer proposta para que a gente possa trabalhar junto e possa resolver esse problema.

Confesso a vocês que eu achei que era do tempo em que eu nasci, que tinha até cemitério de pagão. Criança que não era batizada era enterrada fora do cemitério. Aqui dentre nós, só o Sarney deve ter alcançado isso. Não sei se o Maranhão tem as mesmas condições de Pernambuco, mas em Pernambuco era assim: as crianças que morriam antes de batizar eram enterradas em um lugar fora do cemitério.

Então, essa questão do sub-registro não é uma coisa menor, é uma questão de honra para o prefeito, para o Presidente da República, para o governador e para todos os seres humanos que se acham inteligentes neste



país, para o Ministério Público, para o Poder Judiciário, para todas as ONGs, para o movimento sindical. Eu penso que é o absurdo dos absurdos a gente ainda ter crianças que nascem e que não são registradas.

Mas tem uma outra coisa muito grave: a mortalidade infantil. Vou contar uma história para vocês, para vocês verem a minha inquietação. No Brasil, nós temos em média – o Temporão está aí, depois pode discutir com vocês – 19 crianças que morrem antes de um ano de idade, 19 para cada mil. É para cada mil? É para cada mil. Dezenove crianças para cada mil. No Nordeste são 27 crianças para cada mil; no Norte, 21,7 para cada mil; no Sudeste, 13,8 para cada mil. É muito. Países como a Suécia devem ter 7%, Cuba deve ter 4%... Cuba tem 8% ou 4%. Significa, meus companheiros e companheiras... Eu estou dando apenas algumas coisas que eu considero mais graves, porque cada um de vocês pode fazer a ponte que quiser, a estrada que quiser, mas se a gente fizer tudo isso e, ao final dos nossos mandatos ainda tiver esse índice, significa que nós cuidamos pouco daqueles de quem nós deveríamos cuidar, que é a parte mais pobre da população nos nossos municípios.

Nós tivemos, recentemente, um prejuízo enorme neste país. Lamentavelmente, a gente não conseguiu fazer uma marcha como essa dos prefeitos, para não permitir que a CPMF fosse reprovada como ela foi reprovada, porque tiraram pelo menos, do PAC da Saúde, R\$ 24 bilhões que eram destinados só para a saúde brasileira. Como na época tinha uma disputa política, eu entendia que não teve movimento porque tinha disputa política, cada um pertencia a um partido político. Mas agora os prefeitos das capitais vão ter que fazer política de Saúde. Agora, os prefeitos do interior vão ter que fazer política de Saúde. O PAC da Saúde está parado desde o começo de 2007, porque sem dinheiro você não pode implementar. Se alguém acha que é possível fazer políticas públicas sem dinheiro, eu confesso que votaria nele no dia seguinte. Ah, se eu pudesse escolher alguém que não me cobrasse impostos e ainda desse tudo o que eu queria.



É mais ou menos assim no Brasil: as pessoas não querem pagar impostos. Alguns reclamam que não querem pagar, mas esses mesmos falam: “Mas eu quero mais dinheiro para isso, mais dinheiro para aquilo”. E vocês vão sentir nas prefeituras agora. Às vezes um cidadão de classe média baixa paga o IPTU sem reclamar, mas se você for cobrar R\$ 1 a mais da mansão, ah, pode saber que vai ter porrada para tudo quanto é lado em cima de vocês. A história é exatamente essa. Em se tratando de mortalidade infantil, o que eu quero, na verdade? É que nós, do governo federal... e tem mais ou menos 1.200 municípios, hein, Temporão, que é o que tem mais. Mil e 200 municípios têm a grande parte do índice de mortalidade infantil. É sobre esses 1.200 municípios que nós precisamos fazer a grande política de ataque à questão da mortalidade infantil, tratando da mulher, do dia em que ela concebe a gravidez até o dia em que ela tem o filho. E depois que ela tem o filho, cuidar da criança como se fosse do prefeito, do presidente ou do governador do estado, porque esses índices depõem contra todos nós.

Uma outra coisa que me inquieta, sobretudo para as cidades menores: crédito para o trabalhador rural. Às vezes nós disponibilizamos, como este ano, 13 bilhões para o Pronaf, quando chega no final da safra a gente constata que exatamente no Norte e no Nordeste as pessoas não retiraram tudo. No Sul do País, sobretudo no Rio Grande do Sul, como o pessoal é mais organizado em cooperativas, eles tiram tudo, mas no Norte e no Nordeste não tiram.

Então, eu queria pedir ao prefeito, porque às vezes o sindicato não está informado, que o prefeito, junto com o gerente da agência bancária, junto com o sindicato, mapeasse os trabalhadores e os orientasse para ir buscar o crédito que ele tem lá, para ele poder produzir. Porque não tem nada mais triste do que você disponibilizar o recurso, e depois esse recurso voltar porque as pessoas não foram pegar.

Essa questão de financiamento de máquinas para prefeituras. Nós vamos colocar um limite, porque se a gente não colocar um limite, nunca vai



chegar para o Norte e para o Nordeste, as cidades mais ricas tendem a pegar. E nós precisamos garantir uma parte para as cidades mais pobres deste país, para as menores, senão serão sempre os mesmos. O Kassab não precisa, o Paes não precisa, o Marcio não precisa, o Coser não precisa, imagina se eles fossem disputar esse dinheiro com os prefeitos de uma cidade de 10 mil habitantes. Porque, o que nós estamos convencendo o meu querido BNDES, o meu querido Banco do Brasil, é que lá no interior deste país não tem asfalto. Lá, às vezes, o prefeito precisa de uma máquina para tirar a produção agrícola de um pequeno agricultor, para fazer um pequeno açude, para fazer uma coisa que possa permitir que a pessoa sobreviva. Ninguém está pedindo asfalto, guia, sarjeta, é uma máquina para deixar a rua transitável. E isso, nós temos que balancear para que esse dinheiro chegue a todos os companheiros deste país.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, eu, que ia falar pouco... Se tiver uma medida provisória minha lá, o Sarney e o Temer aqui, eu estou desgraçado porque ela não passa, porque eles estão aqui ouvindo discurso, e eu preciso também liberá-los logo.

Mas eu queria dizer uma coisa para vocês: eu, daqui a dois anos estou fora, junto com vários governadores. Mas vou continuar sendo um cidadão brasileiro, vou continuar viajando por este país. E tenho certeza de que nesses oito anos de Presidência estabeleci uma relação com as prefeituras deste país. E para mim não importa que seja do PFL, do PSDB, do PT, do PMDB, do PTB, do PDT, do PCdoB, não importa, do PRB, do PR, não importa.

Eu acho que o que nós estamos fazendo aqui vai nos permitir que onde a gente se encontrar, em qualquer lugar, a gente possa olhar um na cara do outro e não fazer cara de nojo, de repugnância: “Olha, aquele desgraçado ali era o presidente que não me atendia”. Ou: “Aquele condenado ali era o prefeito que fazia oposição a mim”. Eu espero muito mais de vocês, porque quero dar muito mais para vocês.



Eu acho que nós aprendemos a ser companheiros, nós aprendemos a nos respeitar, nós aprendemos a compreender que vale qualquer coisa para a disputa política, vale até xingamento – eu não gostaria, mas vale. Cada um tem um partido político. Mas, meus filhos, quando a gente ganha, a grandeza de um homem público tem que fazer com que... Ele não precisa esquecer as mágoas, ele não precisa esquecer as ofensas, os ataques, as brigas com os partidos, não esqueçam, pelo amor de Deus, porque se vocês esquecerem, vocês estarão esquecendo da história. Mas coloque-as numa gaveta e enquanto forem prefeitos governem, governem para todos, para pobres, para ricos, para contra, para a favor, façam o que vocês têm de melhor, porque senão hoje vocês são heróis, daqui a dois anos, dependendo do comportamento, alguns não poderão mais sair na rua, outros terão vergonha.

E eu tenho a certeza e a convicção de que todos vocês foram eleitos com a maior boa vontade, com a intenção de dar de vocês, o que vocês têm de melhor, para atender à população da cidade de vocês.

Eu só queria terminar pedindo uma coisa para vocês. A política é ingrata. A política tem momentos de heroísmo e tem momentos de desgraça. Agora mesmo, nessas eleições, eu vi prefeito fazendo festa porque ganhou e, na semana seguinte, estava fazendo protesto porque foi cassado. Eu já cansei de ver prefeito ser carregado pelos braços do povo num mês, e no outro mês não sair na rua com medo de ser achincalhado ou apedrejado. Eu queria que vocês não tivessem medo do povo que elegeu vocês, que não tivessem medo de ir à periferia, que não tivessem medo das pessoas que gritam mais. Às vezes as que gritam mais, são mais inofensivas. O que vocês precisam se preocupar é com aqueles que estão dentro das suas casas em silêncio, fazendo um protesto mais forte contra vocês, mas esperando que vocês cumpram cada palavra que vocês falaram para eles nessas eleições, agora de 2006 [2008].



Eu quero que vocês façam o que eu aprendi a fazer: não percam nunca o direito de andar de cabeça erguida nas ruas das cidades de vocês. Por pior que seja a situação, saiam às ruas, vão conversar, vão explicar, e vocês vão perceber que o povo no fundo, no fundo é mais parceiro do que muita gente que fica dando tapinha nas costas da gente o dia inteiro, a gente pensando que é amigo, e apenas tentando tirar proveito da gente.

Meus companheiros e companheiras,

Ao terminar este ato, ficarão aqui todos os ministros deste país. Vocês pegaram a agenda... A agenda é uma agenda muito pesada. Mas a agenda não é o fim. A agenda é apenas o começo, e eu espero que ao terminar esta reunião, a gente tenha criado duas coisas: uma relação mais verdadeira entre os entes federados deste país, uma relação muito mais verdadeira. Certamente – o Paulo sabe disso, o João Paulo sabe disso e o (incompreensível) – nós nunca vamos conseguir atender tudo o que os prefeitos querem. Mas certamente também, nunca vamos negar tudo o que vocês pedirem e vocês vão compreender que a relação do governo com vocês não é nem um milímetro diferente da relação que vocês vão ter com a cidade de vocês. Os bairros vão pedir coisas e vocês não vão poder dar; a Igreja vai pedir coisas que vocês não vão poder. Vocês ainda têm a solução de dizer: é o presidente da República, é o governador do estado. Eu, como sou católico, não posso dizer que é o Papa. Mas tenham certa uma coisa: a duras penas eu conquistei o direito de olhar no fundo dos olhos de cada um de vocês, e ser o mais verdadeiro que um homem pode ser. Eu posso não dar, mas mentir, nunca, porque eu acho que a primeira mentira obriga você a ser mentiroso a vida inteira porque você vai ter que mentir para justificar a sua primeira mentira.

Eu quero dizer aos companheiros que, do fundo do coração, e aos companheiros da Frente Nacional de Prefeitos – companheiro Paulo, João Paulo e companheiro (incompreensível): esta reunião aqui não tem nada a ver com a Marcha dos Prefeitos. Na Marcha dos Prefeitos, o governo e os



ministros, sempre que convidados, estarão lá para receber a pauta de reivindicação, para discutir com seriedade porque eu acredito que esta geração é a geração que tem a oportunidade de mudar a história deste país. E mudar a história deste país começa por mudar a história da nossa cidade.

Muito obrigado. Que Deus abençoe cada um de vocês. E vamos trabalhar porque quatro anos é muito para a oposição, mas é muito pouco para quem ganhou a eleição. Um abraço, gente.

(\$211A)